

X Seminário Internacional de Enfermagem



Transporte de pacientes
intra-hospitalar e inter-hospitalar

v. 9, 2023

ISSN: 2358-1530



Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Universidade Feevale

X Seminário Internacional de Enfermagem

Transporte de pacientes
intra-hospitalar e inter-hospitalar

v. 9, 2023



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2023

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA ASPEUR

Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Angelita Renck Gerhardt

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Fernando Rosado Spilki

EDITORA FEEVALE

Mauricio Barth (Coordenação)

Eduarda Camilly Candido (Revisão textual)

Tífani Müller Schons (Design editorial)

A revisão textual, formatação e adequação às Normas ABNT são de responsabilidade dos autores e orientadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo

X Seminário Internacional de Enfermagem: transporte de pacientes – intra-hospitalar e inter-hospitalar / Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (ASPEUR), Universidade Feevale. – Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, v. 9, 2023.

38 p. : il. ; 30 cm

ISSN: 2358-1530

1. Enfermagem. 2. Transporte intra-hospitalar. 3. Transporte inter-hospitalar. 4. Transporte de paciente. 5. Atendimento em enfermagem. I. Título.

CDD 610.73
CDU 616-083

Bibliotecário responsável
Santiago Guedes Barbosa CRB10/2539

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS

Homepage: www.feevale.br

CONSELHO EDITORIAL

COORDENAÇÃO

Kelly Furlanetto

COMISSÃO ORGANIZADORA

Caren Mello Guimarães

Catia Aguiar Lenz

Christian Negeliskii

Daiane Bolzan Berlese

Gissele Nardini Artigas de Oliveira

Karine Silva

Kelly Furlanetto

Maristela Cassia de Oliveira Peixoto

COMISSÃO CIENTÍFICA

Catia Aguiar Lenz

Christian Negeliskii

Daiane Bolzan Berlese

Gissele Nardini Artigas de Oliveira

Karine Silva

Kelly Furlanetto

Lisara Carneiro Schaker

Maristela Cassia de Oliveira Peixoto

APRESENTAÇÃO

O fluxo dos pacientes nos diferentes níveis de atenção à saúde, requer habilidades e conhecimentos dos profissionais atuantes nas diversas instituições de saúde. É fundamental que os meios de transporte dos pacientes ocorram de forma adequada, evitando prejuízos à saúde do indivíduo, visto que esse transporte deve ser indicado, planejado e executado minimizando o máximo possível os riscos para o transportado. O ato de transportar deve reproduzir a extensão da unidade de origem do paciente, tornando-o seguro e eficiente, sem expor o paciente a riscos desnecessários.

O X Seminário tem como objetivo geral: Desenvolver conhecimentos, habilidades e competências necessárias para o profissional da saúde prestar um atendimento adequado dentro da legislação brasileira, na promoção de cuidados às pessoas que necessitem de transporte intra-hospitalar e inter-hospitalar. Buscando oferecer subsídios para que o transporte seja eficaz evitando agravos nas condições clínicas dos indivíduos.



SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DE UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DENTRO DE UMA UNIDADE PEDIÁTRICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO BRINCANDO E APRENDENDO

.8

CAUSAS QUE LEVAM AO DESMAME PRECOCE: RELATOS DE MULHERES RESIDENTES DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO CAÍ.

.10

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACONSELHAMENTO EM AMAMENTAÇÃO NA ATENÇÃO BÁSICA

.11

PREOCUPAÇÃO DE UMA GESTANTE EM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM RELATO DE CASO

.13

TRAMENTOS E DESFECHOS DESFAVORÁVEIS EM SÍNDROMES HIPERTENSIVAS ESPECÍFICAS NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA

.15

ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES DE VULNERABILIDADE CLÍNICO-FUNCIONAL DO IDOSO

.16

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA (DPOC) E PÓS-COVID-19

.18

AVALIAÇÃO DOS DOMÍNIOS DO QUESTIONÁRIO SAINT GEORGE, EM PACIENTES COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA EM UM PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PULMONAR

.20

ESTUDO ECORSINOS: ANÁLISE DO CALENDÁRIO VACINAL DE IDOSOS COM E SEM HIV

.21

O ENFERMEIRO NO CUIDADO PALIATIVO A PACIENTES CARDIOLÓGICOS E A IMPORTÂNCIA DESSE CUIDADO.

.22

TRANSPORTE INTRA-HOSPITALAR SEGURO NA ÁREA PERIOPERATÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

.24

UM RELATO DE CASO: PACIENTE COM DPOC	.26
A SAÚDE MENTAL DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS DE EMERGÊNCIA: QUALIDADE DE VIDA E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO ESTRESSE DURANTE A PANDEMIA COVID-19	.27
NÍVEIS DE ESTRESSE NOS ENFERMEIROS INTENSIVISTAS	.29
PERCEPÇÃO DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE O ACESSO ÀS FAMÍLIAS NO TERRITÓRIO DA SAÚDE	.30
ACIDENTES ENVOLVENDO MOTOCICLETAS: CARACTERÍSTICAS DOS ÓBITOS FEMININOS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	.31
DESAFIOS ENFRENTADOS POR AGENTES DE SAÚDE: RESOLUTIVIDADE DO SEU TRABALHO	.32
PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO NO PRIMEIRO ANO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	.33
PRÁTICAS DE DESINFECÇÃO DE UNIDADES MÓVEIS DE ATENDIMENTO PRÉ- HOSPITALAR REALIZADAS POR BOMBEIROS DO VALE DO PARANHANA/RS	.35
TRANSPORTE DO PACIENTE DA SALA OPERATÓRIA PARA SRPA: UMA REVISÃO DA LITERATURA	.37



A IMPORTÂNCIA DE UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DENTRO DE UMA UNIDADE PEDIÁTRICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO BRINCANDO E APRENDENDO

Júlia dos Santos Barboza¹; Amanda Thayna Zimmermann²; Kelly Furlanetto³

Ansiedade e medo são os sentimentos mais frequentes em crianças hospitalizadas, devido a privação escolar, dos amigos e dos familiares. O ambiente desconhecido, os incômodos gerados pela própria doença ou procedimentos aos quais muitas vezes são submetidos também devem ser levados em consideração pela equipe multidisciplinar que as atende. O presente estudo tem como objetivo: relatar as experiências vivenciadas por acadêmicas de psicologia, extensionistas do projeto Brincando e Aprendendo (PEBA) da Universidade Feevale. O PEBA tem como objetivo oferecer um espaço lúdico para crianças e adolescentes que estão internados na ala pediátrica de um hospital da região metropolitana de Porto Alegre. Atividades são realizadas semanalmente, em cada encontro são oferecidos dinâmicas, brincadeiras, oficinas e contação de histórias, preparados por acadêmicos e professores dos cursos de Psicologia, Pedagogia, Medicina, Enfermagem e Artes Visuais. Além disso, o PEBA realiza momentos de psicoeducação com os pais das crianças hospitalizadas, tratando sobre esses sentimentos que surgem durante a hospitalização, como ajudar a criança a lidar e elaborar eles. Para isto, utiliza-se a cartilha informativa "Brincando e Aprendendo no Hospital" desenvolvida no ano de 2020 pelo PEBA. A partir dessas vivências pode-se observar que muitas das crianças possuem medos dos médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem. Esses profissionais geralmente são os portadores de informações sobre a doença, remédios e injeções e ainda sobre as notícias em relação a alta médica e internação. Vale lembrar que diversas vezes, ainda fora do hospital, os cuidadores usam as vacinas, consultas médicas ou medicamentos como forma de ameaça e amedrontamento para corrigir comportamentos não desejáveis. Dito isso, essas crianças não compreendem a função do profissional da saúde e faltam explicações coerentes sobre a sua função, bem como os procedimentos que serão tomados por eles. Durante os encontros do PEBA pode-se observar que mesmo com estranhamento e receio do desconhecido, esses sentimentos de medo ou ansiedade não são vivenciados pelas crianças ao verem as extensionistas. Supõe-se que a cor do jaleco influencia muito nesse processo, de forma que a cor utilizada pelo PEBA é a roxa, mostrando-se de forma perceptível que aqueles que os vestem não são médicos (já que usam jaleco branco) e chamando a atenção das crianças logo no momento de recepção. Ademais, o tratamento direcionado às crianças mostra-se como um fator importante para relação que se é construída. É perceptível a diferença entre o modo como os médicos e enfermeiros agem com as crianças em relação à equipe do PEBA, de forma que há um desgaste físico e emocional desses profissionais que passam horas na ala pediátrica enquanto os extensionistas estão presentes naquele local apenas durante uma tarde semanal. Mesmo com a fala calma e cuidadosa, o olhar atento, a brincadeira e a descontração são aspectos muitas vezes perdidos no meio da correria, dificuldades e necessidades que surgem no decorrer do dia dentro de uma internação pediátrica. Conclui-se que a ansiedade e o medo são sentimentos rotineiros em um ambiente hospitalar devido a situações negativas que ocorrem diariamente. Diante disso, entende-se que seja importante esclarecer

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Feevale

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Feevale

³ Docente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale



todas as dúvidas das crianças, como procedimentos, questões sobre a doença e principalmente o papel que os profissionais de saúde exercem. Também, o incentivo dos profissionais as crianças e cuidadores de frequentarem o solário e apresentarem um local próprio para o brincar e a descontração, podese uma forma de desenvolver a relação de confiança entre médico/enfermeiro e paciente pediátrico. Enfatiza-se a necessidade de que essa relação de confiança seja construída, para que assim a criança tenha melhor adesão ao tratamento e possa vivenciar a hospitalização e a internação de um modo mais leve.

Palavras-chaves: Criança hospitalizada. Unidade pediátrica. Projeto de extensão.



CAUSAS QUE LEVAM AO DESMAME PRECOCE: RELATOS DE MULHERES RESIDENTES DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO CAÍ.

Ana Paula Schütz; Lisara Carneiro Schacker

O aleitamento materno exclusivo (AME) é recomendado pelo Ministério da Saúde e pela Organização mundial da saúde (OMS) até os 6 meses de vida do bebê, pois é considerado um alimento completo, que atende a todas as necessidades das crianças, tanto nos aspectos nutricionais como afetivos. Esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer as causas que levaram à supressão do aleitamento materno exclusivo antes dos 6 meses. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Participaram deste estudo 8 mães residentes de um Município da Região do Vale do Caí, selecionadas de forma intencional, através de critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. A captação das participantes foi feita por meio de busca nas redes sociais e em grupos de pessoas já conhecidas pela pesquisadora. A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora no mês de janeiro a março de 2023, ocorrendo de duas formas: através de entrevista por um aplicativo de chat instantâneo e vídeo chamadas (WhatsApp), com seis mães e de forma presencial, com duas mães entrevistadas. Para tal, foi utilizado um instrumento semiestruturado. Salienta-se que esta pesquisa respeitou a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A análise das informações foi por meio dos pressupostos de Bardin, sendo os resultados classificados em quatro categorias, sendo elas: Retorno ao trabalho; Dor; Insegurança ou Estresse e Cansaço. Foi possível evidenciar que o retorno ao trabalho antes do 6º mês de vida do bebê ainda é um entrave para o aleitamento materno exclusivo (AME), ainda não existe uma obrigatoriedade das empresas em conceder o benefício estendido, culminando assim em prejuízos para a amamentação, este retorno ao trabalho geralmente ocorre entre o quarto e quinto mês de vida do bebê, segundo as mães. As mulheres também citaram a dor como motivo do desmame precoce, devido ao aparecimento de fissuras e ingurgitamento mamário, nesta citação elas comentaram que não sabiam como tratar ou o que poderia ser feito para prevenir os ferimentos. Com o primeiro filho, as mães mencionaram insegurança e estresse, presumiam que seu leite não era suficiente, mesmo que isso não fosse verdade. O estresse e cansaço foram uma outra causa de desmame precoce. Sabe-se que esses fatores interferem diretamente na produção de prolactina, diminuindo a produção de leite, onde esses aspectos não foram abordados durante a gestação, segundo as mães entrevistadas. Duas mulheres buscaram ajuda dos profissionais de saúde para continuar o aleitamento materno exclusivo, as demais já buscaram o atendimento profissional com o intuito de introduzir a fórmula. Constatou-se que manter o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida é desafiador, existindo a necessidade de uma rede de apoio consciente de seu papel e conhecedora das melhores práticas, bem como a urgência do estabelecimento de leis que protejam a amamentação. Além disso, é de extrema importância que seja feita uma preparação com essa mãe sobre os aspectos que irão mudar após o nascimento e como lidar com as frustrações, inseguranças, estresse, dentre outras questões que podem surgir ao longo do caminho que é a amamentação.

Palavras-Chave: Amamentação. Aleitamento Materno Exclusivo. Desmame Precoce.



ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACONSELHAMENTO EM AMAMENTAÇÃO NA ATENÇÃO BÁSICA

*Autor: Jádina Paloma Koepsel
Orientador: Caroline D'Azevedo Sica*

Esta pesquisa traz como tema a atribuição do enfermeiro da atenção básica no aconselhamento em amamentação. A prática do aconselhamento em amamentação previne inúmeros problemas ao binômio mãe-bebê, sendo uma importante atividade de educação em saúde. O enfermeiro da atenção básica possui maior proximidade com a comunidade para desenvolver ações de promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno. Quais os fatores que influenciam a atuação dos enfermeiros da atenção básica na realização do aconselhamento em amamentação? Diante desta circunstância, esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer a atuação dos enfermeiros da atenção básica de um município do Vale do Rio dos Sinos-RS no aconselhamento em amamentação. Sendo os objetivos específicos analisar a formação dos enfermeiros que atuam na atenção básica, identificar os meios que os enfermeiros da atenção básica dispõem para falar sobre amamentação com as usuárias, descrever a maneira que os enfermeiros da atenção básica abordam as usuárias que apresentam dificuldades relacionadas à amamentação, citar as habilidades para o aconselhamento em amamentação que os enfermeiros desenvolvem na sua prática profissional. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, descritivo, delineamento transversal da abordagem quanti-qualitativa, no qual a coleta de dados ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2021, através de um questionário online criado no aplicativo Google Forms, desenvolvido exclusivamente para fins desta pesquisa. A pesquisa foi realizada de acordo com os aspectos éticos estipulados na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o Parecer nº 4.857.849. A amostra foi composta por 14 enfermeiros, com uma média de idade de $40,93 \pm 7,61$ anos, com $15,86 \pm 5,08$ anos de formação em enfermagem, no qual 78,6% da amostra realizou a graduação na rede privada e a realização de cursos/especialização sobre amamentação, 50% da amostra buscou aperfeiçoamento após conclusão da graduação. O tempo de atuação dos participantes na Atenção Básica ficou em $10,93 \pm 6,30$ anos, sendo que 100% dos participantes consideram atuar como enfermeiro aconselhador em amamentação, e que esta prática é importante para a adesão do aleitamento materno. Com relação à atuação com as usuárias que pretendem amamentar ou estão amamentando, 100% dos enfermeiros realizam a comunicação não-verbal (gestos, expressão facial); usam uma linguagem simples e acessível; demonstram empatia quando a usuária relata situações desgastantes relacionadas com o ato de amamentar; conseguem oferecer ajuda prática, ajuda a usuária encontrar uma posição confortável para amamentar; tem o cuidado de fazer sugestões em vez de dar ordens; tem como rotina elogiar os pontos positivos da usuária e do bebê; consideram ter uma relação próxima com as usuárias. Com relação à escuta das usuárias, 92,9% dos enfermeiros dedicam tempo para ouvir o que a usuária tem para falar e 7,1% refere não ter como conduta, justificando o fato de ter uma demanda programática; 92,9% utiliza a técnica de perguntas abertas, por exemplo, perguntas que iniciam: Como? O quê? Quando? Onde? Por quê? e 7,1% refere que não utiliza a técnica por não perceber que seria importante. Quando questionados a respeito do entendimento sobre o aconselhamento, os enfermeiros trouxeram a importância da empatia, entender as dificuldades apresentadas pelas mulheres, fornecer apoio e conscientizar a respeito do processo da amamentação e não impor informações. Com relação aos aspectos essenciais para atuar como aconselhador trouxeram o estabelecimento de vínculo, acolhimento, linguagem acessível e escuta qualificada.



Todos demonstraram ter algum conhecimento sobre o tema. Concluímos que o enfermeiro é o profissional da atenção básica capaz de atuar como aconselhador, no entanto, parece sofrer influências de questões organizacionais e de atualizações do conhecimento durante sua atuação profissional.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Amamentação. Aconselhamento. Enfermagem. Atenção básica.



PREOCUPAÇÃO DE UMA GESTANTE EM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM RELATO DE CASO

Autores(as): Amanda Muck Diesel¹, Nicole de Morais Campeol²

Orientadores(as): Lisara Carneiro Schacker³

Instituição de origem: Universidade Feevale

Atualmente, há significativos relatos de violência obstétrica, que se configura como todo ato praticado pelos profissionais de saúde no âmbito hospitalar ou ainda por familiares ou acompanhantes, que ofenda de alguma forma mulheres durante a gestação, na hora do parto, nascimento ou pós-parto. Os maus tratos podem incluir violência física ou psicológica, podendo fazer da experiência do parto um momento traumático para a mulher, parceiro ou bebê. O objetivo do estudo é relatar um caso de uma gestante com receio de sofrerviolência obstétrica no seu trabalho de parto. Trata-se de um relato de caso de uma gestante atendida em um programa de extensão de uma Universidade localizada no Rio Grande do Sul. Foram realizados 3 atendimentos de forma interdisciplinar pelas docentes e discentes dos cursos de enfermagem, fisioterapia, psicologia e medicina. As informações foram registradas nas fichas físicas, específicas do programa durante os atendimentos no mês de maio de 2023 utilizadas no estudo no início do mês de junho do mesmo ano. O estudo foi subsidiado pelo referencial teórico disponível nas bases de dados gratuitas. Foram respeitados os aspectos éticos conforme a resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde de 12 de dezembro de 2012. A gestante VM tinha 37 anos, com nível superior completo, casada, com diagnóstico de infertilidade há 18 anos, ocorrendo uma gravidez inesperada, porém, muito desejada. Apresentava-se com 33 semanas de gestação, primigesta, realizando pré-natal regularmente, hipertensa e fazendo uso de medicação Metildopa 250mg. Chegou no programa demonstrando preocupação excessiva relacionada ao seu parto, pois o mesmo será realizado em um Hospital público do município onde reside. VM já trabalhou na área administrativa de um hospital público e possui a visão sobre a dificuldade de recursos e postura inadequada de alguns profissionais. Como agravante, acompanhou relatos de sua rede de relacionamento sobre casos de violência obstétrica no hospital onde terá seu filho, como, por exemplo, cesariana e uso de fórceps sem indicação, impedimento ao direito do acompanhante e exposição corporal sem necessidade. O aconselhamento da equipe foi direcionado a fornecer informações sobre seus direitos e como posicionar-se frente a possíveis adversidades, tendo uma abordagem positiva, prevenindo conflitos com os profissionais que irão prestar o atendimento, mas sendo pró-ativa e firme em sua narrativa. Também foi orientada sobre como solicitar o uso dos recursos para auxiliar o trabalho de parto e inclusão do parceiro, já que referida instituição preconiza o parto humanizado. Além disso, como intervenções do projeto, foram apresentadas práticas saudáveis para o desenvolvimento do trabalho de parto, objetivando empoderá-la, bem como seu parceiro, que mostrava-se inseguro. A abordagem fundamentada nos aspectos psicológicos foi essencial para promover maior serenidade. VM vinculou-se ao projeto aproveitando todas as oportunidades proporcionadas,

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS.

² Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS.

³ Mestre em Administração e Marketing, Especialista em Neonatologia, Enfermeira docente do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS.



mostrando-se mais tranquila, porém, no último atendimento foi encaminhada ao hospital devido a indícios de pré-eclâmpsia. Percebe-se a necessidade da orientação e apoio de uma equipe interdisciplinar às gestantes, esclarecendo sobre os seus direitos e como proceder no pré-parto e parto para a promoção de uma maior segurança, autonomia e tranquilidade, objetivando que o trabalho de parto seja vivenciado de forma plena pelo casal e respeitado pelas equipes assistenciais.

Palavras-chave: Gestante. Parto. Violência Obstétrica.



TRAMENTOS E DESFECHOS DESFAVORÁVEIS EM SÍNDROMES HIPERTENSIVAS ESPECÍFICAS NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA

Betina Juchem Clemens¹; Eduarda de Mello²; Laura Reinhardt Hoffmann³; Cátia Aguiar Lenz⁴

As síndromes hipertensivas específicas da gestação (SHEG) compreendem um conjunto de doenças: pré-eclâmpsia, eclâmpsia e síndrome de HELLP, sigla que significa: Hemólise, Enzimas Hepáticas Elevadas, Baixa Contagem de Plaquetas. Em 2021, foi a causa de 21% de todas as mortes maternas no Brasil. O objetivo deste estudo é analisar publicações científicas sobre tratamentos e desfechos das SHEG na literatura. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura e foram localizados 19 artigos científicos e 1 manual publicados entre os anos de 2018 e 2023. Os descritores utilizados foram empregados de forma isolada e combinada, sendo eles: pré-eclâmpsia, eclâmpsia, gestação, desfecho, hipertensão. Os materiais foram captados através do banco de dados do portal de revistas do Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), esta através das bases de dados da Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e do PubMed, coletados em maio de 2023. Como critérios de inclusão, definiu-se: materiais que atendessem o objetivo do estudo, em português e inglês, que fossem relevantes, de fontes confiáveis e com a metodologia bem delineada. Foram respeitados os direitos autorais conforme a Lei nº 12.853, de 14 de agosto de 2013. Foram identificadas três barreiras importantes na adequação do tratamento: demora do diagnóstico, consultas de pré-natal sem qualidade e o não uso das diretrizes de tratamento das SHEG. Estudos realizados no Brasil evidenciaram o mau uso da caderneta da gestante, o que revela deficiências nas consultas de pré-natal. Além disso, apesar das diretrizes que indicam o tratamento farmacológico com nifedipino, labetalol e hidralazina para prevenção do agravamento do quadro de pré-eclâmpsia, foi verificado que os profissionais da atenção primária não realizam a prescrição desses medicamentos. No atendimento de emergência, trabalhadores sem treinamento para detecção das SHEG contribuem para a demora do diagnóstico, o que acarreta o não uso do sulfato de magnésio, inclusive em episódios de convulsão. Essas barreiras levam ao agravamento do quadro clínico das pacientes, contribuindo para desfechos desfavoráveis. Os desfechos mais comuns são: morte perinatal, parto prematuro, parto cesariano, escore de APGAR baixo, recém-nascido pequeno para a idade gestacional, necessidade de ressuscitação neonatal e internação na unidade de tratamento intensivo neonatal. Outros desfechos menos comuns, mas igualmente preocupantes são: neutrofilia no recém-nascido, sepse neonatal, enterocolite necrosante neonatal, hemorragia intracraniana neonatal e transtornos respiratórios ou cardiovasculares fetais. Além disso, é possível que a puérpera apresente sinais e sintomas de eclâmpsia até três meses após o parto, o que requer cuidado e atenção especiais dos profissionais de saúde que realizam o acompanhamento puerperal. Os desfechos encontrados revelam a necessidade de intervenções rápidas e decisivas antes do terceiro trimestre gestacional, para a diminuição da morbimortalidade materna e neonatal. Portanto, é vital que mãe e feto tenham acesso a um pré-natal e acompanhamento puerperal de qualidade, com profissionais qualificados para a detecção precoce das SHEG durante todo o período que compreende a concepção e até 3 meses após o nascimento do bebê.

Palavras-Chave: Gestação. Pré-Eclâmpsia. Eclâmpsia. Síndrome de HELLP. Hipertensão.

^{1, 2, 3} Alunas do curso de Enfermagem da Universidade Feevale

⁴ Docente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale



ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES DE VULNERABILIDADE CLÍNICO-FUNCIONAL DO IDOSO

Autores: Fernanda Carazzai¹ e Vitória Henkel de Oliveira²

Orientador: Cátia Aguiar Lenz³

O questionário, Índice de Vulnerabilidade Clínico-funcional (IVCF-20) é uma ferramenta utilizada para a avaliação multidimensional do idoso, que visa avaliar o estado de saúde e a possibilidade de indicação de encaminhamento para acompanhamento com o médico especialista em geriatria. Além de reconhecer a síndrome da fragilidade como um dos fatores dos índices de mortalidade entre os idosos, junto com padrões alimentares inadequados, pouca prática de atividade física, assim como tabagismo, etilismo e outros hábitos que acometem a saúde física e mental do idoso. O presente estudo tem como objetivo analisar os resultados obtidos na aplicação do formulário de índice de vulnerabilidade clínico-funcional (IVCF-20) da pessoa idosa e os fatores de risco para as doenças crônicas não-transmissíveis no território de aplicação. A pesquisa usa de abordagem quantitativa de delineamento descritivo, exploratório e retrospectivo. Foram realizadas consultas multidisciplinares com pacientes idosos portadores, ou não, de doenças crônicas não transmissíveis em uma Unidade de Saúde da Família no Vale do Rio dos Sinos/RS, em parceria com o Programa de Educação pelo Trabalho (PET-Saúde). Esta Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética e Pesquisa da Universidade Feevale conforme número de parecer: 5.848.87. Entre os objetivos do PET-Saúde destacam-se desenvolver ações e atividades educacionais em saúde para o rastreamento e prevenção de doenças crônicas não-transmissíveis. As bolsistas acadêmicas dos cursos de nutrição e enfermagem, supervisionadas pela tutora, aplicaram o questionário Índice de Vulnerabilidade Clínico-Funcional (IVCF-20) e obtiveram resultados conforme pontuação e conforme o encaminhamento ao geriatra; e a partir destes realizaram consultas, interconsultas e orientações conforme diagnósticos prévios e queixas atuais. Foram questionados 42 idosos no período de janeiro a abril de 2023; residentes no território de estudo, com idade média de 75 - 92 anos; 64,3% do sexo feminino; 35,7% do sexo masculino; apresentando como principais fatores de riscos para doenças crônicas: hipertensão arterial sistêmica (38,1%), diabetes *mellitus* (12,7%) e dislipidemia (19%) e como doença crônica não-transmissível: doenças cardiovasculares (14,3%), cânceres (1,6%) e doenças respiratórias (1,6%). Ainda como resultado, apresenta-se Parkinson (3,6%) e Hipotireoidismo (9,5%); destes, 48,7% foram encaminhados ao geriatra. O encaminhamento ao médico especialista acontece via E-SUS ao final da consulta, mediante a obtenção da pontuação final do questionário. Logo, o instrumento de avaliação do índice de fragilidade tem a vantagem de ser de fácil e rápida aplicação, tendo resultados de claro entendimento, que proporcionam melhor agilidade nas consultas e prescrição de planos de cuidado, além de favorecer a qualidade e eficiência na assistência ao usuário atendido. Sendo a hipertensão arterial sistêmica o fator de risco mais prevalente entre os usuários questionados, foi discutido em consulta o cuidado nutricional, como o consumo de sal, gorduras, alimentos e temperos industrializados, além da orientação e incentivo à prática de exercícios físicos com o acompanhamento de um profissional da área, bem como a vigilância de manter as consultas de rotina. Nota-se a importância da realização de atividades educacionais em saúde com foco na prevenção e

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

² Discente do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

³ Docente da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS



discussão sobre o tema entre a população jovem da região. Ainda o desenvolvimento de ações que minimizem os efeitos e a incidência nesta população, através do estímulo para a adesão e participação nas atividades de prevenção e promoção da saúde aplicadas pela equipe multidisciplinar, visando resultados mais efetivos em um curto período de tempo, e para a qualidade de vida.

Palavras-chave: Idoso. Fragilidade. Atenção Primária à Saúde. Doenças crônicas.

Índice de Vulnerabilidade Clínico-Funcional (IVCF-20).

Questionário na íntegra disponível em: www.ivcf20.com.br

MINISTÉRIO DA SAÚDE . Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/pet-saude>.

Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. NOTA TÉCNICA PARA ORGANIZAÇÃO DA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE COM FOCO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E NA ATENÇÃO AMBULATORIAL ESPECIALIZADA - SAÚDE DA PESSOA IDOSA. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. 56 p.: il. São Paulo: Hospital Israelita Albert Einstein: Ministério da Saúde, 2019.



AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA (DPOC) E PÓS-COVID-19

Autores: Bárbara Juliana Dapper¹, Nicolle Rostirolla da Fonte¹ Tainá Dias¹

Orientadora: Kelly Furlanetto²

Instituição de origem: Universidade Feevale

A qualidade de vida (QV) é um conceito multidimensional que compreende um conjunto de condições que contribuem para o bem-estar do indivíduo. Os fatores relacionados com a condição física, psicológica, emocional, relacionamentos sociais, saúde, educação, poder de compra, e outras circunstâncias da vida promovem, de certa forma, uma QV adequada. Nos portadores de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) pode-se relacionar QV com a influência de variáveis mediadoras tais como: depressão, ansiedade, autoestima, isolamento social e funcionalidade nas atividades básicas de vida diária (ABVD). Já as pessoas que contraíram COVID-19 sentem, a longo prazo, as consequências oriundas dessa doença, principalmente os que precisaram usar por longos períodos equipamentos de suporte à vida. O objetivo deste estudo foi analisar a QV de indivíduos portadores de DPOC e pós-COVID-19, que frequentaram o Programa de Reabilitação Pulmonar (PRP) da Universidade Feevale/RS. O PRP sendo uma terapia não farmacológica, pode atuar, se necessário, simultaneamente, com a terapia medicamentosa, onde em curto prazo alivia a dispnéia e a ansiedade, e a longo prazo melhora a QV do paciente. Além disso, com o treinamento físico, demonstra a importância do combate ao sedentarismo e de permanecer fisicamente ativo. Para atingir o objetivo proposto, foi realizado um estudo retrospectivo, documental, com abordagem quantitativa. Foi utilizado o banco de dados do PRP onde os pacientes encontram-se cadastrados, sendo considerado o período de 2021 a 2022 do banco de dados. Participaram então, 27 pacientes, sendo 14 com DPOC e 13 pós-COVID-19, de ambos os gêneros, na faixa etária de 20 a 82 anos. Para avaliação da QV desses pacientes foi utilizada a versão brasileira do Questionário de Qualidade de Vida, o SF-36. Os dados foram submetidos ao programa SPSS v. 22.0, com nível de significância de 0,05, e o teste U de Mann-Whitney e teste T para amostras independentes, conforme a normalidade dos dados. Os resultados do estudo mostraram que a média de idade dos participantes com DPOC foi de 66,9 ($\pm 10,3$) anos sendo a maioria do gênero feminino (57,1%) e os participantes pós-COVID-19 apresentaram idade de 55,46 ($\pm 16,0$) anos sendo maioria do gênero masculino (53,8%). Os portadores de DPOC apresentaram idade significativamente mais elevada que os pacientes pós-COVID-19. Na QV, no domínio capacidade funcional observou-se que pacientes com DPOC (31,1 \pm 19,0) apresentaram escores significativamente menores comparados ao pós-COVID (50,0 \pm 21,9). Nos domínios aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental não foram observadas diferenças significativas entre DPOC e pós-COVID-19, porém pós-COVID-19 apresentaram escores superiores aos pacientes com DPOC. Os dados acima mostram que tanto DPOC quanto o pós-COVID-19 interferiram significativamente na capacidade funcional, mostrando a importância e a relevância do trabalho interdisciplinar para a melhora da QV de pacientes com DPOC e pós-COVID-19.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida. Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica. COVID-19.

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem e voluntária do Projeto Reabilitação Pulmonar - Universidade Feevale.

² Professora e Pesquisadora - Universidade Feevale



Referências:

NAGAMINE, B. P.; LOURENÇO, L. K.; CHAVES, C. T. O. P. Recursos fisioterapêuticos utilizados no Pós-COVID 19: Uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 7, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16785>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Sociedade Paulista de Pneumologia e Tisiologia (SPPT). **Reabilitação Pulmonar**. 2019. Disponível em: <https://sppt.org.br/reabilitacao-pulmonar/>. Acesso em: 05 jun. 2023.



AVALIAÇÃO DOS DOMÍNIOS DO QUESTIONÁRIO SAINT GEORGE, EM PACIENTES COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA EM UM PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PULMONAR

Autores: Vanessa Mayara Vieira¹, Francine Leila Dotta²

Orientadora: Kelly Furlanetto³

Instituição de origem: Universidade Feevale

Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) é uma condição respiratória caracterizada pela obstrução do fluxo de ar nos pulmões, resultando em dificuldade para respirar. A DPOC é geralmente causada pela exposição prolongada a toxinas, como a fumaça do cigarro, e pode levar a complicações graves, como insuficiência respiratória, geralmente em indivíduos com mais de sessenta anos. O questionário Saint George (SGRQ) é utilizado para avaliar a qualidade de vida (QV) em pacientes com DPOC. O objetivo deste estudo foi comparar as médias dos escores dos domínios do SGRQ aplicados em pacientes com DPOC antes e após frequentarem o Programa de Reabilitação Pulmonar (PRP) da Universidade Feevale/RS. Para atingir o objetivo foi realizado um estudo retrospectivo, documental com abordagem quantitativa utilizando o banco de dados do PRP cujo os pacientes estavam cadastrados no período de 2011 a 2019. Como critérios de inclusão: os portadores de DPOC sendo os demais pacientes com outras doenças, excluídos. Participaram então, deste estudo, 128 pacientes devidamente cadastrados. Os dados do SGRQ respondidos tiveram seus respectivos escores calculados e processados no programa estatístico SPSS, 23,0. Os resultados mostram que todos os domínios avaliados do SGRQ neste pacientes apresentaram melhora significativa após a intervenção do PRP da Universidade Feevale, com reduções nos domínios, Sintoma (de 47,34 para 34,83), Atividade (de 67,90 para 56,38), Impacto (de 37,55 para 26,83) e no escore Total (de 47,99 para 35,70), apresentando valores de $p = 0,01$ para todos estes domínios e escore, indicando significância estatística, ou seja, houve melhora nestes pacientes na sua qualidade de vida (QV) após frequentar o PRP. A atuação eficaz e detalhada dos profissionais e acadêmicos do referido PRP proporciona bem-estar físico e social, associando exercícios a medidas informativas e educativas, trazendo então resultados positivos na melhora do paciente portador DPOC. Para que os pacientes tenham sua QV restabelecida, é necessária uma visão ampla, sendo direcionado um olhar para o indivíduo como totalidade e não apenas para a sua doença. Construindo planos e ações mais favoráveis para reduzir o aparecimento e agravos de problemas.

Palavras-Chave: Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica. Questionário Saint George. Programa de Reabilitação Pulmonar.

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem e voluntária do Projeto Reabilitação Pulmonar- Universidade Feevale.

² Acadêmica do Curso de Enfermagem e voluntária do Projeto Reabilitação Pulmonar- Universidade Feevale.

³ Professora e Pesquisadora - Universidade Feevale



ESTUDO ECORSINOS: ANÁLISE DO CALENDÁRIO VACINAL DE IDOSOS COM E SEM HIV

Autores: Erick da Rosa Lerner^{1,2}, Ibrahim Clós Mahmud¹, Paulo Renato Petersen Behar³, Rodolfo Herberto Schneider¹

O acometimento de agravos em saúde pública, em sua maioria preveníveis, são maiores na população vivendo com HIV, fator que justifica a ampliação das campanhas de vacinação para este público em específico, almejando a redução de desfechos negativos. Tem como objetivo descrever a situação vacinal na população idosa com e sem HIV. Foi usado como método o estudo transversal da primeira onda de coletas do: "Estudo de Coorte com Idosos do Vale do Rio dos Sinos/RS (ECORSINOS)", realizadas entre novembro de 2022 até fevereiro de 2023. Conduzido com idosos residentes da Região do Vale do Rio dos Sinos, tendo sido autorizada pelo CEP sob o seguinte CAAE: 61437622.9.0000.5336. Foram incluídos 110 idosos, sendo 54 sorot positivos e 56 soronegativos, 58% mulheres. Dentre as vacinas do calendário do adulto avaliadas (Influenza, COVID, Hepatite B, Antitetânica, Pneumococo e Herpes Zoster) em todas elas os idosos com HIV foram quem mais buscou a vacinação. Sendo que, 100% contra COVID, 96,3% Influenza, 94,4% Hepatite B, 92,6% Pneumococo, 88,9% Antitetânica e apenas 04 realizaram a vacina da Herpes Zóster. Em contrapartida, idosos soronegativos tiveram maior adesão à vacina Antitetânica (75%), Influenza 69,6%, Hepatite B 66,1%, apenas 02 Pneumococo e nenhum realizou a vacina contra Hérpes Zóster. Destaca-se que, a vacina Zostavax®, comercializada desde 2014, é contraindicada na vigência de patologias imunocomprometedoras, já a vacina Shingrix® está disponível desde 2022 sem esta contraindicação. Indivíduos vivendo com HIV, buscaram vacinar-se mais contra todas as patologias analisadas. Podendo estar relacionado com a periodicidade de atendimento multiprofissional por esta população além do vínculo com os profissionais de saúde que recomendem a ampla imunização. Reitera-se a importância de novas pesquisas no campo de imunizantes para a população imunocomprometida, bem como políticas públicas para ampliação das coberturas vacinais.

Palavras-chave: Idosos. COVID-19. Vacinas.

¹ Grupo de Estudos em Envelhecimento Osteomuscular e Osteoporose (GEOMO). Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

² Universidade Feevale, Instituto de Ciências da Saúde. Curso de Enfermagem.

³ Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).



O ENFERMEIRO NO CUIDADO PALIATIVO A PACIENTES CARDIOLÓGICOS E A IMPORTÂNCIA DESSE CUIDADO.

Isadora Haetinger Andriotti Alves¹, Isis Eduarda Tibes Tegner², Christian Negeliskii³

Conforme descrito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), os cuidados paliativos são aqueles prestados a portadores de doenças graves, invasoras e incuráveis, desde o diagnóstico até a morte do paciente. Sendo assim, os cuidados paliativos partem dos princípios que envolvem uma comunicação efetiva e respeitosa, controle dos sinais e sintomas de doença, conforto, orientação a família e ao paciente, respeito ao luto e condução do cuidado de acordo com plano e prognóstico. Em cardiologia, uma tarefa importante é identificar quais pacientes se enquadram para cuidados paliativos, podendo ser estes aqueles com doença coronariana terminal, pré e pós transplante cardíaco, em uso de CDI ou com insuficiência cardíaca classe III ou IV segundo os critérios da New York Heart Association (NYHA) como diagnóstico de doença cardiovascular em fase avançada. Além disso, as doenças cardiovasculares correspondem a, em média, 39% dos casos, por ano, em que os cuidados paliativos são necessários. No entanto, pacientes portadores de insuficiência cardíaca, que dentre as cardiovasculares é a que mais necessita de cuidados paliativos devido ao caráter sintomático, dificilmente tem estes prestados da devida forma. Sendo assim, o presente estudo tem o objetivo de identificar o papel do enfermeiro nos cuidados paliativos prestados a pacientes cardiológicos e a importância destes cuidados. Trata-se de uma revisão bibliográfica de artigos dos anos de 2016 a 2023, realizada para a disciplina de Enfermagem em cardiologia, ministrada na Universidade Feevale/RS. Foram analisados 6 artigos e diante da leitura destes observa-se que apesar de uma implementação recente na cardiologia, os cuidados paliativos demonstram benefícios a pacientes com insuficiência cardíaca avançada, já que tal doença indica grande índice de mortalidade, de sofrimento físico, emocional e espiritual, além de ser considerada a via final das doenças cardíacas, sendo assim, a instituição dos cuidados paliativos melhora a qualidade de vida, o humor, a sobrevivência, diminui a quantidade de abordagens invasivas e diminui ou por vezes cessa com os sintomas. Além disso, evidenciou-se também a redução de custos hospitalares nos pacientes cardíacos que recebiam os cuidados paliativos ao invés dos cuidados habituais, envolvendo as competências centrais do cuidado paliativo, sendo elas: Aplicar o cuidado no ambiente próprio e seguro para o paciente e família, aumentar conforto físico durante a doença, atender as necessidades psicológicas do paciente, atender as necessidades espirituais do paciente, responder às necessidades dos familiares e cuidadores, responder aos desafios de tomada de decisão clínica e ética, implementar coordenação integral do cuidado, desenvolver competências interpessoais adequadas e promover autoconhecimento e desenvolvimento profissional contínuo. Percebe-se que o papel do enfermeiro abrange questões em todas suas competências, como promover um ambiente tranquilo, esclarecer dúvidas ao paciente e família, elaborar um plano de cuidado individual junto a equipe multiprofissional, capacitar a equipe de enfermagem, reconhecer e prevenir sinais e sintomas da doença para evitar possíveis complicações ou exacerbações, promover apoio psicológico e conforto espiritual, além de envolver a família e o paciente no cuidado. Além disso, parte do papel do enfermeiro

¹ Acadêmica de enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. andriotti.isadora@gmail.com

² Acadêmica de enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. isisttegnert@gmail.com

³ Docente da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. chnegel@feevale.br



é a realização do processo de enfermagem, onde se dão diagnósticos e intervenções referentes ao paciente e o seu plano de cuidados. Sendo que para pacientes com Insuficiência cardíaca alguns dos mais comuns são: Déficit no autocuidado para alimentação, déficit no autocuidado para higiene, risco de infecção, mobilidade física prejudicada, ventilação prejudicada, risco de débito cardíaco diminuído, risco de constipação, volume de líquidos excessivo e risco de perfusão renalineficaz. Sendo assim, o papel do enfermeiro é elaborar o plano de cuidados referentes aos diagnósticos reais e de risco, promovendo junto a equipe multiprofissional de saúde um cuidado de qualidade, individualizado e integrado. Além da discussão em equipe para identificação precoce de pacientes que são candidatos para a implementação dos cuidados paliativos, vide que tanto o tempo de internação quanto a evolução para óbito diminuem em pacientes com o cuidado paliativo implementado precocemente.

Palavras-chave: Cuidados paliativos; Cardiologia; Enfermagem; Insuficiência cardíaca.



TRANSPORTE INTRA-HOSPITALAR SEGURO NA ÁREA PERIOPERATÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autores: Fernanda Carazzai¹, Eduarda Bernardino² e Natan Felipe Zirrt³

Orientador: Karine da Silva⁴

O transporte intra-hospitalar de pacientes na área perioperatória é caracterizado pelo encaminhamento de pacientes cirúrgicos entre as áreas do centro cirúrgico, sob supervisão de profissionais da saúde e equipamentos necessários, objetivando um fluxo seguro, desde a entrada do paciente na sala de preparo pré-operatório, até a sua saída da sala de recuperação pós-anestésica e/ou alta hospitalar. A razão básica para o transporte é a necessidade de cuidados adicionais somente disponíveis em locais distintos, dependendo do momento do fluxo de atendimento no qual o paciente se encontra, como a realização de preparo pré-operatório, procedimento cirúrgico propriamente dito, em sala específica e recuperação pós-procedimento em sala de recuperação pós-anestésica, havendo ou não a necessidade de encaminhamento para outros setores, como por exemplo a UTI. O transporte intra-hospitalar de pacientes na área perioperatória é um fator muito importante para garantir a segurança do paciente. Seguindo um fluxo que se estabelece desde a chegada do paciente na sala de preparo pré-operatório, até sua alta hospitalar, é essencial que o transporte seja realizado com o intuito de promover o bem e a segurança ao paciente e evitar a ocorrência de eventos adversos. Para que isso se concretize, existem diversos recursos que contribuem de forma efetiva, quando seguidos corretamente por toda a equipe de enfermagem. O presente trabalho tem como objetivo principal realizar um comparativo entre as rotinas padronizadas para transporte de paciente na área perioperatória através de um relato de experiência. Se caracteriza como uma pesquisa de campo descritiva, fundamentada na experiência vivenciada durante o componente curricular de Prática Supervisionada do Cuidado de Enfermagem no Perioperatório da Universidade Feevale/RS, realizada durante o mês de fevereiro e março de 2023. Os resultados foram obtidos por meio da comparação entre a prática vivenciada e a teoria. No local observado, foram identificados protocolos designados para orientar o fluxo de atendimento ao paciente durante todas as etapas por toda unidade, iniciando no preparo pré-operatório, seguindo para a sala cirúrgica e, posteriormente, na sala de recuperação pós-anestésica, até o momento da alta-hospitalar. O risco de ocorrer eventos adversos durante o transporte de pacientes na área perioperatória é alto; tendo em vista que a maioria dos clientes estarão sob efeito residual de fármacos, com reflexos ausentes e desacordados. Apesar da existência das diretrizes que ditam o fluxo de atendimento seguro e em consonância com o campo de observação, nota-se fragilidades e oportunidades de melhorias na sua implementação. Desse modo, os resultados foram responsivos aos objetivos traçados e condizentes com as expectativas e confirmam a necessidade de aprimoramento conforme as práticas experienciadas. Nesse sentido, a padronização das rotinas hospitalares e a implementação de um plano de prevenção de eventos adversos relacionados ao risco de queda durante o processo perioperatório surgem como medidas fundamentais para a promoção e estímulo de

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

² Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

³ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

⁴ Docente da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS



uma cultura de segurança hospitalar, além do vínculo de confiança entre profissionais da saúde e pacientes. Visto que a padronização das rotinas hospitalares busca estabelecer diretrizes claras, bem definidas e práticas para todas as etapas do cuidado em qualquer momento do fluxo de atendimento, desde o preparo e admissão do paciente até a alta hospitalar. Essa forma de abordagem preconiza a minimização de ocorrência de erros e garantir a qualidade do atendimento, assim, promovendo segurança e bem-estar ao paciente.

Palavras chaves: Transporte hospitalar. Assistência Perioperatória. Segurança do Paciente.



UM RELATO DE CASO: PACIENTE COM DPOC

Autores: Gabriela Scholz¹, Cassia Cinara da Costa, Claudia Denicol Winter

A doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), é uma condição pulmonar heterogênea, caracterizada por sintomas respiratórios crônicos, como: dispneia, produção de catarro, tosse e/ou exacerbações. Apresenta-se como duas anormalidades: bronquite e enfisema pulmonar persistente, progressiva com obstrução do fluxo aéreo e acomete em geral pessoas com mais de seis décadas de vida. A DPOC está entre as principais causas de morbidade e mortalidade na população mundial. O impacto da desnutrição sobre o sistema pulmonar leva a uma diminuição na elasticidade e na função dos pulmões, à redução da massa muscular respiratória, da força e da resistência, além de alterações nos mecanismos imunológicos de defesa pulmonar e controle da respiração. Uma alimentação adequada e equilibrada associada a exercícios físicos orientada por equipe multidisciplinar contribui na qualidade de vida, reduzindo doenças crônicas. Tem como objetivo relatar o caso clínico da paciente atendida em um Projeto de extensão em Reabilitação Pulmonar de uma Universidade de Novo Hamburgo - RS. Como instrumentos de coleta de dados foi feita anamnese nutricional, avaliação antropométrica, aferido peso e altura, identificado IMC, foi aplicado um questionário alimentar de três dias, e após recebeu plano alimentar. A paciente recebia acompanhamento nutricional quinzenalmente. Como resultado, obteve-se T.P.R, 68 anos, peso inicial 43,7kg, 1,60 m, o Índice da massa Corporal (IMC) foi de 17,07 kg/m² classificado como desnutrido; Valor Energético Total (VET) inicial 1372 Kcal, Carboidrato (CH) 64,49%, Proteína (PTN) 18,9% e Lipídios (LIP) 16,54%. Peso atual 51,3kg IMC 20 kg/m² classificado como eutrófico; o VET atual 2120 kcal 57,2% CH, 16,96% PTN sendo 1,75g/ptn/kg e 25,76% LIP. Conclui-se que o acompanhamento nutricional realizado foi efetivo, houve um aumento do consumo alimentar e melhorou o estado nutricional da paciente. Com essa melhora, a paciente obteve ótimos resultados nos exames bioquímicos, conseguiu melhorar seu peso, adquiriu novos hábitos alimentares com intuito de ter mais saúde e melhor qualidade de vida. Um peso ideal em pacientes idosos acaba sendo sinônimo de qualidade de vida, mais saúde e melhor disposição para as atividades rotineiras do dia a dia. Sendo assim, esse acompanhamento e atendimento realizado no projeto de reabilitação pulmonar é essencial para os pacientes, pois recebem orientação de todas as áreas da saúde buscando sempre dar uma atenção bem individualizada, entendendo que cada caso é um caso e que cada paciente precisa de um tratamento especial. Através desse projeto é possível melhorar a vida de muitos pacientes com doença pulmonar, pacientes que sofreram na pandemia com covid, que ficaram internados nos hospitais, que perderam muito peso e tiveram muitos problemas pulmonares, com o auxílio do projeto, esses pacientes conseguem retomar suas vidas, eles têm a chance de fazer uma reabilitação, com uma equipe multidisciplinar de profissionais e estudantes. É muito gratificante poder fazer parte desse projeto, ter a oportunidade de acompanhar a evolução de cada um, com suas dificuldades, com seus objetivos diferentes, mas buscando sempre melhorar sua vida mesmo que com pequenas mudanças.

Palavras-chave: Reabilitação Pulmonar. Nutrição. Atividade Extensionista. Estudo de caso.

¹ Filiação: Gabriela Scholz, aluna do curso de Nutrição da Universidade Feevale.



A SAÚDE MENTAL DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS DE EMERGÊNCIA: QUALIDADE DE VIDA E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO ESTRESSE DURANTE A PANDEMIA COVID-19

Rosane Barbosa – Universidade Feevale

Geraldine Alves dos Santos – Universidade Feevale

A pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, é considerada uma emergência de saúde pública. Devido à sua alta transmissibilidade, foi considerada no mais alto nível de alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS), pois em apenas 6 meses, alastrou-se pelo mundo. Este período de pandemia do Covid-19 é um desafio sem precedentes para a ciência e para a sociedade, cobrando respostas rápidas, alterando a rotina da população e também dos profissionais de saúde, dentre eles os condutores de veículos de emergência. Eles apresentaram aumento expressivo de trabalho durante a pandemia e desta forma elevaram o risco de exposição ao vírus. O objetivo desta pesquisa foi analisar nos condutores de veículos de emergência a qualidade de vida, os afetos, a fadiga, as estratégias de enfrentamento ao estresse provocado pela pandemia de Covid-19 e a percepção de autoeficácia em relação a estas estratégias. O método deste estudo teve um delineamento quantitativo, descritivo e transversal. A amostra foi composta por 16 condutores de veículos de emergência, do sexo masculino, residentes no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada de forma virtual, devido ao momento pandêmico em que o estudo foi realizado, através de entrevista em ambientes online, por videoconferência. Este trabalho foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Feevale sob o número 50017321.8.0000.5348. Foram utilizados os instrumentos de questionário sociodemográfico, EUROHISQOL, Escala de Afetos Positivos e Negativos (PANAS), Escala de Avaliação da Fadiga (EAF), Inventário de Enfrentamento da Califórnia e Percepção de autoeficácia no enfrentamento da pandemia. Os dados foram analisados estatisticamente no programa IBM-SPSS versão 28.0, através de análises descritivas. Dos participantes 68% testaram positivo para Covid-19 e 12,5% testaram positivo mais de uma vez, isso se justifica pela maior exposição ao vírus, mas nenhum teve internação. A avaliação da qualidade de vida apresentou uma média de 30,44 pontos (dp. 4,25). A fadiga física apresentou uma média de 12,25 pontos (dp. 3,94) e a fadiga psicológica de 10,68 (dp. 3,38). Os afetos positivos apresentaram uma média de 37,93 (dp. 7,08) e os afetos negativos uma média de 18,43 (dp. 5,21). As estratégias de enfrentamento mais utilizadas foram em sequência: religiosidade como elemento amortecedor (3,50/dp. 0,57), tentativa de controle do ambiente (2,60/dp. 0,61), inibição das emoções (2,25/dp. 0,50), atenuação do potencial estressor do evento mediante comportamento de esquiva (2,15/dp. 0,55) e, por fim, expressão das emoções negativas (2,04/dp. 0,47). Em relação à autoeficácia, em relação às estratégias utilizadas para enfrentar o estresse da pandemia, a amostra apresentou média de 4,13 pontos (dp. 0,71) e a autoeficácia, em relação às estratégias que poderiam ser utilizadas em uma situação similar no futuro, teve média de 4,13 (dp. 0,88). Os participantes do estudo apresentam uma qualidade de vida satisfatória, com frequência maior de afetos positivos, conseqüentemente apresentam mais fadiga física do que psicológica. Pode-se compreender a importância do uso das estratégias de religiosidade como elemento amortecedor do estresse causado pela pandemia. A fé e a prática de rezar/orar fornecem apoio e alto significado para algumas populações, e o ato de compreender e apoiar essa prática pode aumentar o bem-estar psicossocial do indivíduo. Os condutores de veículos de emergência fazem parte dos grupos mais vulneráveis à fadiga pandêmica, pois vivem



o estresse relacionado às diversas facetas do cuidado, associado ao isolamento domiciliar. Os sintomas da fadiga pandêmica podem ser recorrentes nos profissionais de saúde. A compreensão das estratégias de enfrentamento possibilita transformar e diminuir desafios, alterações emocionais e cognitivas, muitas delas acompanhadas de medo, angústia, sofrimento intenso, adoecimento e até morte, comumente presentes nas pandemias. É relevante compreender a importância do desenvolvimento de estratégias de intervenção para a recuperação saudável da sociedade, em especial neste estudo dos condutores de veículos de emergência, em um futuro pós-pandêmico. As medidas de contenção das infecções por coronavírus exigiram adaptações em toda a rede de atenção à saúde e os condutores de veículos de emergência vivenciaram os impactos disso nas portas de entrada dos serviços hospitalares e pronto atendimentos. Salienta-se a importância do desenvolvimento da continuidade de estudos e ações de intervenção para esse grupo ocupacional.

Palavras-chave: Condutores de veículos de emergência. Pandemia. Qualidade de vida



NÍVEIS DE ESTRESSE NOS ENFERMEIROS INTENSIVISTAS

Autora: Isabel Kayser

Orientadora: Gisele Nardini Artigas de Oliveira

O estresse é um desgaste generalizado do organismo, sendo um termo cunhado e que vem sendo amplamente utilizado desde 1926. Algumas de suas implicações na vida humana são: o desgaste físico, mental e o envelhecimento precoce. Devido à complexidade da Unidade de Terapia Intensiva, ele é o ambiente que mais gera estresse nos profissionais de enfermagem e se dá pela tensão e sobrecarga de trabalho e preocupação excessiva com as exigências institucionais, além de fatores ambientais, como alarmes constantes dos monitores. O estresse se apresenta através de sintomas como apatia, desinteresse pelo trabalho, dificuldade para se concentrar, entre outras, podendo evoluir para Síndrome de Burnout. Esta é um fenômeno ocupacional resultado do estresse crônico gerado no ambiente de trabalho. Assim, teve-se como objetivo geral deste estudo conhecer os níveis de estresse dos enfermeiros intensivistas e como objetivos específicos averiguar se o turno de trabalho tem associação com os níveis de estresse e quais fatores agravam os mesmos. O estudo utilizou o método transversal, com abordagem quantitativa e analítica de caráter exploratório e descritivo. O instrumento para coleta de dados utilizado foi a Escala Bianchi de Stress, aplicada por meio de questionário online, pela plataforma *Google Forms* e o link foi disponibilizado através de link enviado por *Whatsapp*® e após repassado por método *Snowball* para atingir profissionais que se enquadrassem nos critérios de inclusão da presente pesquisa. Foram incluídos na população enfermeiros que atuassem em UTI's adulto, pediátricas e neonatais há pelo menos dois anos. O questionário ficou disponível durante os meses de agosto a outubro de 2022, os dados coletados foram computados e analisados pela própria plataforma. Assim, a maior parte da amostra trabalha em UTI Adulto (63,16%), Pediátrica (15,8%), Neonatal (15,8%) e em UTI Cardiológica (5,26%). Analisando todos os domínios e variáveis do estudo, quinze enfermeiros foram avaliados com médio nível de estresse (78,9%), e três foram avaliados com nível moderado (15,8%) e um com alto nível (5,3%). Percebeu-se uma maior frequência de estresse moderado em profissionais com maior carga horária e mais números de vínculos empregatícios. A área das atividades prestadas pelos enfermeiros que demonstrou gerar mais estresse, para os profissionais da amostra, foi a relacionada às atividades de administração de pessoal, assistência de enfermagem prestada ao paciente e condições de trabalho para o desempenho de atividades relacionadas ao enfermeiro. Desta forma, é importante ressaltar que a presente pesquisa não se esgota com os resultados encontrados, visto que o estresse é visto diferentemente por cada indivíduo, além de ter diferentes fatores que podem gerá-lo, assim como o seu agravamento pode levar à Síndrome de Burnout, levando os indivíduos ao esgotamento extremo. Assim, os resultados comprovam que se deve investir no olhar ao enfermeiro que atua em UTI, para buscar cada vez mais a qualidade de vida no trabalho destes profissionais, assim como na assistência prestada. Dessa forma, a gestão de enfermagem e administradores e as instituições, devem encontrar medidas para aliviar o estresse dos profissionais.



PERCEPÇÃO DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE O ACESSO ÀS FAMÍLIAS NO TERRITÓRIO DA SAÚDE

Ana Paula Schütz, Janaina Simon, Veridiana de Ávila Silva e Janifer Prestes

As Equipes de Estratégia da Saúde da Família (ESFs) são equipes multiprofissionais e dentre os profissionais que ali atuam se destacam os agentes comunitários de saúde (ACSs), que desempenham uma função fundamental no elo entre a comunidade e a unidade de saúde. Estapesquisa tem como objetivo geral identificar a percepção do agente comunitário sobre o acesso às famílias no território de saúde. Trata-se de um estudo acadêmico de relato de experiência realizado a partir de um grupo focal com oito agentes comunitários de saúde. A presente pesquisa foi desenvolvida por acadêmicos do sétimo semestre de enfermagem da Universidade Feevale de Novo Hamburgo, durante a disciplina prática de Saúde da Criança e do Adolescente, no período de 27/02/2023 a 22/03/2023. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista coletiva, na qual buscamos nos aproximarmos dos entrevistados para poderem confiar e relatar suas vivências da forma mais cotidiana possível. O local das entrevistas foi uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município de Novo Hamburgo. Salienta-se que esta pesquisa respeitou a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), onde os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Durante a conversa com o grupo focal, identificou-se a partir das falas dos participantes que um dos maiores desafios no seu dia a dia de trabalho é ganhar a confiança das famílias, pois o lar é um ambiente pessoal sendo muitas vezes difícil deixar um desconhecido entrar para realizar as atividades relacionadas à saúde. Segundo o grupo, na atual conjuntura há várias micro áreas sem cobertura dos agentes comunitários o que dificulta atualizar cadastros familiares e acompanhar as famílias de forma efetiva. Outro agravante é a grande densidade demográfica, fator decorrente das condições financeiras da população. A constante troca de endereços decorrente de estarem de forma irregular nas áreas faz com que os agentes não encontrem mais essas famílias. Esses problemas acabam sobrecarregando muito os agentes comunitários, pois a demanda social é muito maior do que o número atual da equipe. Mesmo após superar essas barreiras, nos deparamos com outras, como o fato das famílias não seguirem as orientações passadas nas visitas domiciliares, um exemplo disso é a manutenção do calendário vacinal. De acordo com a PNAB (Política Nacional de Atenção Básica) de 2017, quanto maior a vulnerabilidade, menor deve ser a quantidade de pessoas que uma equipe de ESF deve ser responsável. Mas isso não é o que acontece na realidade, então os agentes ficam muito pouco tempo com as famílias, impossibilitando a criação e manutenção de um vínculo. Constatou-se no final da pesquisa que os próprios agentes viam essa dificuldade em contemplar todos os moradores da comunidade de referência. Conclui-se que a sobrecarga de trabalho decorrente do número elevado de usuários por área e microáreas aliadas ao baixo número de agentes dificultam e/ou até acabam impossibilitando um trabalho que é tão importante para a Saúde da população. Apesar de todas as dificuldades citadas, eles encaram o dia a dia com esperança, e a certeza de que seu trabalho faz a diferença.

Palavras-Chave: Equipe de Saúde da Família. Agente Comunitário de Saúde. Território de Saúde.



ACIDENTES ENVOLVENDO MOTOCICLETAS: CARACTERÍSTICAS DOS ÓBITOS FEMININOS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

*Fabiana dos Anjos Fão¹
Prof. Dr. André Luís Machado Bueno²*

No ano de 2014 foram constatadas 44.098 mortes causadas por acidentes de transportes terrestres, sendo 14.253 motociclistas, estes números seguem uma tendência crescente e expõe a vulnerabilidade dos motociclistas no trânsito. Apesar da mortalidade masculina se apresentar em maior número, acidentes de motocicleta que resultam em óbito vem se tornando uma importante parcela entre o sexo feminino. Sendo assim, este estudo objetivou descrever algumas das características dos óbitos envolvendo motociclistas do sexo feminino, no Rio Grande do Sul, para os anos de 2011 a 2020. Tratou-se de um estudo epidemiológico descritivo, os dados foram oriundos do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), contido no Departamento de Informática do SUS (DATASUS) de acesso livre e universal conforme resolução 466/12/2012. Somou-se ao estudo também, técnicas de análise cartográfica, com dados agregados por macrorregião no RS. Os resultados indicaram que o maior número de óbitos está relacionado aos CID V23 e V24, demonstrando que a maioria dos óbitos ocorrem na colisão das motocicletas com outros veículos, principalmente carros e caminhonetes, onde costuma ser fatal para os motociclistas que se encontram mais vulneráveis e absorvem todo o impacto do choque, o que resulta em acidentes com cinemática grave e frequentemente evolui para óbito das vítimas. Os dados sugeriram que mulheres brancas, entre 20 e 29 anos somaram as maiores taxas de mortalidade, seguindo em índice decrescente nas faixas etárias subsequentes, em razão de que o envelhecimento as impossibilita de dirigir ou ocupar motocicletas, já que demanda mais destreza e equilíbrio do condutor quando comparado aos outros tipos de veículos. A raça branca se destacou com a maior porcentagem de óbitos, o que reflete as diferenças de composição étnica do país, visto que a maior parte da população do estado do Rio Grande do Sul é declarada branca, em virtude da colonização europeia na região estudada. No que diz respeito a escolaridade, mulheres que tem entre 8 e 11 anos de estudo concentraram as maiores taxas de mortalidade em acidentes envolvendo motocicletas no estado. A maioria dos óbitos ocorreram no hospital via pública, retratando a alta letalidade deste tipo de acidente, devido a maioria dos óbitos ocorrem no próprio local do acidente ou logo após a chegada no hospital. Esse dado expõe também a dificuldade da chegada do atendimento em tempo hábil para possibilitar o salvamento da vítima, assim como a prestação de todo o suporte necessário para manter a vida no atendimento pré e intra-hospitalar. No que se refere as taxas de mortalidade, foi identificado que as macrorregiões do sul e vales concentraram os maiores números de óbitos do estado, o que evidencia a influência da desigualdade socioeconômica, a aglomeração de veículos e a dificuldade na acessibilidade dos serviços de saúde. O conhecimento das características dos acidentes se mostra importante para adequar as estratégias de prevenção e promoção da saúde de acordo com cada local, diminuindo o número de acidentes e consequentemente os danos à saúde e perdas. Os resultados demonstram também como a capacitação dos profissionais, fornecimento da estrutura, equipamentos e materiais adequados podem mudar totalmente o desfecho desses acidentes.

Palavras-chave: Sistema de Informação em Saúde. Motocicletas. Mulheres. Acidentes. Causas Externas.

¹ Aluna do curso de enfermagem da Universidade Feevale

² Docente do curso de enfermagem da Universidade Feevale



DESAFIOS ENFRENTADOS POR AGENTES DE SAÚDE: RESOLUTIVIDADE DO SEU TRABALHO

Autores(as): Amanda Muck Diesel¹, Sabrina Schorr²

Orientadores(as): Jennifer Prestes³

Instituição de origem: Universidade Feevale

Os agentes comunitários de saúde do SUS, vinculados a Unidade de Saúde da Família (USF) e também a Estratégia de Saúde da família (ESF), são um grupo de pessoas que atuam diretamente em uma comunidade/bairro, através de visitas domiciliares, e são de extrema importância para a manutenção da saúde da população, seja no âmbito da promoção ou prevenção. Este estudo tem como objetivo geral identificar a percepção dos agentes de saúde sobre a resolutividade das demandas do seu trabalho. Trata-se de um estudo de relato de experiência acadêmica, a partir de um grupo focal com agentes comunitários de saúde, realizado por acadêmicas do sétimo semestre do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, cursando a disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente, no período de 27 de fevereiro a 22 de março de 2023, em uma Unidade de Saúde da Família da cidade de Novo Hamburgo. Os resultados obtidos através da fala com os profissionais foram: “[...] é a questão de tu estar na rua fazendo o teu trabalho, tu volta com bastante demanda e tu não tem como resolver essas demandas, porque não tem um horário específico para ti conversar com o médico, que a agenda dele tá sempre cheia, tem que estar batendo na porta dele, incomodando, vendo se ele tá atendendo, se ele não está, se ele tem uns minutinhos, isso complica bastante.”, além de “É umas das maiores dificuldades na verdade né. Porque o nosso trabalho que é pra ser algo resolutivo pra comunidade, a gente não consegue. Não tem como tu chegar, conversar, aí as vezes acaba causando um desânimo”. Segundo a portaria da PNAB de 2017, as estratégias de saúde da família devem atender de 2.000 a 3.500 pessoas, o que na realidade não acontece. Na unidade em estudo, cada área possui mais de 4.000 habitantes, fazendo com que a procura por atendimento aumente e assim a sobrecarga da equipe eleve. As grandes demandas diárias nos consultórios não permite que novas sejam solucionadas, deixando os ACS sem o retorno desejável. Outro fator observado que implica diretamente na falta de profissionais se deve a não reposição de colaboradores afastados por mais de um ano devido a licença saúde ou aposentadoria. Logo, diante do presente estudo, concluímos que realmente há falhas quanto a resolução das demandas trazidas pelos agentes de saúde, uma vez que eles não se sentem apoiados pela equipe, não têm a equipe para dar respaldo a eles, em função da sobrecarga de trabalho/atendimentos, falta de tempo para a resolução de todas as demandas, que faz com que esses agentes fiquem desassistidos, e a população também, visto que eles são o principal elo entre unidade de saúde e comunidade.

Palavras-chave: Atenção básica. Agentes de saúde. Resolutividade do trabalho.

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS.

² Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS.

³ Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Docente do Curso de Enfermagem – Universidade Feevale.



PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO NO PRIMEIRO ANO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Eduardo Trindade Gomes¹; Cátia Aguiar Lenz²

Durante a transição da condição de estudante para a de profissional, é comum que enfermeiros recém-formados enfrentem níveis significativos de estresse, devido à complexidade e abrangência do tema relacionado ao preparo e atuação profissional. Essa fase inicial de exercício profissional é marcada por mudanças rápidas, pois os enfermeiros se veem confrontados com a discrepância entre o aprendizado ideal adquirido na universidade e a realidade encontrada no ambiente de trabalho, o que pode gerar uma série de desafios emocionais e práticos a serem superados. O estudo objetivou identificar a percepção do enfermeiro sobre a sua atuação no primeiro ano profissional. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com uma abordagem qualitativa. Fizeram parte da pesquisa 6 (seis) enfermeiros selecionados intencionalmente conforme critérios de inclusão pré-estabelecidos. Para a captação dos sujeitos utilizou-se a técnica Snowball. O projeto não foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale, porém, o estudo respeitou as normas éticas determinadas pela resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados foi através de entrevista utilizando o aplicativo *WhatsApp*, sendo realizada pelo pesquisador nos meses de agosto e setembro de 2022. Na análise das informações foram utilizados os pressupostos de Bardin. Como principais resultados foram encontradas 3 categorias e 2 subcategorias, onde foram apontadas o enfermeiro no primeiro ano de atuação profissional; experiências e vivências na aplicação da sistematização de assistência de enfermagem e do processo de enfermagem durante o primeiro ano de atuação profissional a percepção do enfermeiro sobre os sentimentos no primeiro ano de atuação profissional. No decorrer do estudo, pode-se evidenciar, através das entrevistas, que os objetivos propostos para a pesquisa foram atingidos. Os participantes apontaram as suas percepções quanto a sua atuação no primeiro ano profissional, que proporciona ansiedade e expectativas aos egressos do curso de enfermagem. Evidenciou-se a que o primeiro ano de atuação do enfermeiro é extremamente desafiador. A dificuldade, principalmente quanto ao gerenciamento e liderança, foi destacada pelos participantes, porém perceberam que as dificuldades foram superadas pelo preparo recebido na graduação e a obtenção de experiências progressivas. Quanto a percepção sobre a aplicação da sistematização da assistência de enfermagem e do processo de enfermagem, todos os enfermeiros as realizaram inicialmente com boa compreensão e qualificando-as progressivamente, com foco principal nos diagnósticos, prescrição e registros de enfermagem. Quanto a percepção dos sentimentos no primeiro profissional os enfermeiros destacaram os sentimentos de insegurança e realização profissional. Portanto, a pesquisa revelou que por mais que os egressos avaliem positivamente a graduação, dificuldades iniciais ainda são encontradas. Esta pesquisa por ser de abordagem qualitativa de delineamento descritivo exploratório, com a participação de 6 sujeitos e egressos de uma única universidade, tem-se como limitação a visão de preparo acadêmico análogas. Propõe-se para estudos futuros uma amostragem maior de enfermeiros e com variação das instituições de ensino superior. Já que identificou-se uma limitação de estudos para discussão. Sugere-se novas pesquisas e justifica-se a realização desta. A presente pesquisa

¹ Aluno no curso de enfermagem, universidade Feevale.

² Prof.^a. Me. Docente no curso de enfermagem, universidade Feevale.



beneficiou os profissionais de enfermagem recém-formados, bem como os acadêmicos e sociedade em geral, auxiliando para as reflexões sobre a temática e como fonte de pesquisa.

Palavras-chave: Atuação Profissional. Egressos de enfermagem. Percepção.



PRÁTICAS DE DESINFECÇÃO DE UNIDADES MÓVEIS DE ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR REALIZADAS POR BOMBEIROS DO VALE DO PARANHANA/RS

Douglas dos Passos Stein¹, Christian Negeliskii²

A falta de desinfecção das superfícies pode levar à proliferação e à transferência de microrganismos nos ambientes de saúde, colocando em risco a segurança dos pacientes e profissionais. Existe uma lacuna na literatura do pré-hospitalar no tema de desinfecção, ainda mais para equipes compostas por profissionais não oriundos da área da saúde, como bombeiros e socorristas, fazendo com que estes profissionais busquem práticas realizadas no intra-hospitalar. Esta pesquisa teve como objetivo descrever as práticas de desinfecção das unidades móveis de atendimento pré-hospitalar realizadas pelos bombeiros do Vale do Paranhana (RS). A pesquisa teve um delineamento descritivo, transversal e quantitativo, a população estimada de bombeiros na região do vale do Paranhana é de aproximadamente 190 bombeiros, a amostra estudada foi selecionada por conveniência, sendo composta por integrantes de corpos de bombeiros Voluntários e Militares do Vale do Paranhana/RS, que atuam no atendimento pré-hospitalar, com tempo de serviço maior que três meses, com idade maior que 18 anos, de ambos os sexos. O aluno pesquisador enviou uma carta convite através de *WhatsApp* e por *e-mail*, para o comando operacional das entidades que compõem os corpos de bombeiros da região do Vale do Paranhana. Nela, foi apresentado o projeto de pesquisa e solicitada autorização para coleta de dados de seus subordinados, onde, a partir da liberação, iniciou-se a coleta. Nessa fase, o comando dos bombeiros militares responsável pelas unidades militares da área recusou convite para participar, através de *e-mail*. A coleta foi realizada através de formulário eletrônico Google Formulários criado pelo autor, com 32 perguntas, sendo 3 abertas e as demais de múltipla escolha, só puderam responder o questionário os que leram e aceitaram o TCLE, o estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mas respeitou a Resolução da Reitoria nº 23, de 2019, da Universidade Feevale, a qual determina que o trabalho de conclusão de curso da graduação deve ser assinado pelo diretor do instituto responsável pelo curso, a análise foi realizada a partir dos dados da estatística descritiva, sendo analisados por meio de frequência simples e absoluta, utilizando média, desvios padrão e intervalos percentuais, a partir da criação de um banco de dados no site Planilhas Google. A amostra foi de 26 bombeiros, oriundos de 4 cidades: 11 de Igrejinha, 1 de Riozinho, 11 de Rolante e 3 de Três Coroas, sendo 84,6% masculino, com média de idade de 34 anos (± 8), com maior prevalência da escolaridade de ensino médio completo (34,6%). No questionário específico, identificou-se que 65,4% responderam não existir uma rotina de desinfecção impressa, 50% não participou de curso de limpeza e desinfecção, porém 69,2% aprenderam sobre o tema no curso de APH, 23,1% não sabem a diferença entre limpeza e desinfecção, 96,2% realiza limpeza concorrente, 84,6% diz usar EPI durante a desinfecção sendo que 100% usa luva de borracha, 84,6% respondeu ser feita limpeza prévia de matéria orgânica, 88,5% respondeu que é realizada desinfecção, 76,9% higienizam a maca entre os atendimentos, apresentando uma falha no processo. Apesar da amostra não ter tido um número grande de participantes, de acordo com a população estimada, todas as cidades que aceitaram participar foram contempladas. Como 23,1% dos participantes não sabem diferenciar a limpeza da desinfecção, então os procedimentos devem ser claros para todos

¹ Acadêmico de Enfermagem da Universidade Feevale

² orientador, docente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale



os profissionais independente dos seguintes fatores como escolaridade, idade e tempo de atuação. Conclui-se que falta treinamento, protocolos e rotinas. Como sugestão, indica-se que sejam criadas comissões internas para elaborar protocolos de rotina de acordo com as legislações e boas práticas recomendadas pelo Ministério da Saúde, que se adaptem à realidade da estrutura e pessoal de cada unidade e treinem esses procedimentos com o maior número possível de bombeiros.

Palavras-chave: Atendimento pré-hospitalar. Bombeiros. Desinfecção. Ambulâncias.



TRANSPORTE DO PACIENTE DA SALA OPERATÓRIA PARA SRPA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Autores: Eduarda Bernardino¹, Fernanda Carazza² e Bruna Letícia Kleyt³

Orientador: Karine da Silva⁴

O transporte de pacientes na área perioperatória é um fator de extrema importância quando se trata de segurança do paciente. Para garantir que esta etapa do fluxo de atendimento no centro cirúrgico seja realizada de forma adequada, existem diversos recursos, protocolos e diretrizes que contribuem de forma efetiva, quando seguidos corretamente por toda a equipe multiprofissional. O fluxo para o transporte se inicia na sala operatória, ainda com o paciente sob os cuidados do anestesiológico, da equipe cirúrgica e da equipe de enfermagem, que participam do chamado *sign out*, quando é realizado o protocolo de verificação de cirurgia segura, procedimento cujo objetivo é garantir que as informações necessárias sejam compartilhadas com toda a equipe e que o paciente seja transferido de forma segura para a sala de recuperação pós-anestésica. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo descrever as recomendações para um transporte seguro na transferência do paciente da sala operatória para a sala de recuperação pós anestésica. Se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura realizada durante a Prática Supervisionada do Cuidado de Enfermagem no Perioperatório da Universidade Feevale, no período de fevereiro a março de 2023 considerando os descritores: Transporte hospitalar. Assistência Perioperatória. Segurança do Paciente, disponíveis na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Os resultados foram obtidos através da análise de quatro artigos, todos na língua portuguesa, referentes à segurança do paciente no transporte da área perioperatória. Esses estudos destacam a importância de um transporte seguro, principalmente do centro cirúrgico para a sala de recuperação, onde muitos pacientes ainda estão sob efeito residual de fármacos anestésicos. Além disso, salientou-se também a importância de uma comunicação efetiva entre profissionais envolvidos desde a equipe no preparo cirúrgico, sala operatória e sala de recuperação. Verifica-se a necessidade de capacitar a equipe de enfermagem para a realização de um transporte seguro e eficiente. Logo, diante dos resultados obtidos, pode-se observar que incidentes no transporte perioperatório são recorrentes, no entanto, ao adotar boas práticas de segurança do paciente e padronizar o cuidado intra-hospitalar, é possível garantir o transporte hospitalar mais seguro. Isso reforça a importância de treinamentos contínuos e a adoção de protocolos adequados, visando a minimização de eventos adversos durante uma etapa crucial do cuidado perioperatório, pois é fundamental que a equipe esteja preparada para possíveis intercorrências, além do uso e do manejo correto dos equipamentos hospitalares. Sendo assim, visto que cada paciente é único e pode ter necessidades específicas, as práticas de transporte intra-hospitalar devem ser adaptadas de acordo com as necessidades individuais do paciente e do procedimento cirúrgico realizado. Os resultados do estudo foram positivamente responsivos aos objetivos delimitados, assim como foram ao encontro do que já era preconizado previamente pela literatura. A padronização das rotinas institucionais relacionadas ao transporte perioperatório e o planejamento de cuidados relacionados à prevenção de quedas durante o fluxo do paciente são aliados

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

² Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

³ Discente do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS

⁴ Docente da Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS



neste processo, pois visam garantir que os cuidados prestados sejam realizados com prudência por todos os profissionais da saúde, objetivando a disseminação da cultura de segurança do paciente na instituição de saúde, consequentemente aumentando o vínculo e confiança entre profissionais e pacientes.

Palavras chaves: Transporte hospitalar. Assistência Perioperatória. Segurança do Paciente.

X Seminário Internacional de Enfermagem



Transporte de pacientes
intra-hospitalar e inter-hospitalar

v. 9, 2023

ISSN: 2358-1530

